

# mais do que amar

shayla black

Tradução de Nanci Marcelino

## SOBRE MAIS DO QUE AMAR

O meu nome é Noah Weston. Durante uma década, joguei como *quarterback* na mais icónica equipa de futebol americano, estando sempre rodeado de mulheres. Agora vou deixar de ser uma estrela em campo e passar a ser atleta reformado, com uma nuvem de alegações a pairar sobre a minha cabeça. Portanto, vou escapar para o paraíso privado com frente para o mar que comprei para ter paz e sossego. O que ganho com isso é a teimosa, desagradável, louca, que me deixa a arder, Harlow Reed. Uma vez que acabou de sair de uma relação de maneira tremendamente viral, deve ser a última mulher com quem sou visto.

Pensando bem, podemos ajudar-nos um ao outro...

Preciso de uma «namorada» estável, que me dê apoio para o julgamento da opinião pública, e não de confusões. A Harlow só quer sexo árduo ininterrupto e orgasmos de gritar por mais que extraiam prazer do corpo tão voluptuoso dela. Três meses: é quanto deveríamos levar a coçarmos as costas um do outro e a deixarmos os nossos respetivos escândalos para trás. Mas quanto mais conheço esta mulher menos consigo imaginar a minha vida sem ela. E quando sou obrigado a escolher, percebo que não a quero meramente na minha cama nem preciso dela para um stratagema. Amo-a mais do que o suficiente para fazer o que for preciso para torná-la minha para sempre.



## PREFÁCIO



Existe uma infinidade de maneiras de se dizer a alguém que a amamos. Nalgumas das mais poderosas nem sequer são precisas palavras. Era esta a realidade que se passeava pela minha mente quando delineeí esta série pela primeira vez, escrever sobre um amor tão completo que meras letras presas umas às outras para formarem frases não eram um comunicador adequado para estes sentimentos. Para esta série, a minha escolha recaiu na música.

*Adoro* música. Estou sempre absorta nela e passo horas por dia com os auriculares enfiados nos ouvidos. Escrevo ao som da música. Penso ao som da música. Até durmo ao som da música. Fiquei entusiasmada por incorporar músicas na história que achei serem significativas para esta viagem. Penso do seguinte modo: um filme tem banda sonora. Porque é que um livro não haveria de ter?

Por isso, criei uma.

Algumas das músicas que escolhi são conhecidas. Algumas são antigas. Algumas são mais recentes. Algumas são populares. Algumas obscuras. (Na minha opinião.) Todas elas encaixam na perfeição e são escolhas diretas do coração. Ouvi muitas destas músicas enquanto escrevia o livro.

Para uma compreensão (e sensação) total, recomendo vivamente que se familiarize com estas músicas e as ouça, literalmente ou na sua mente, enquanto lê. Devido à questão dos direitos de autor, não posso usar as letras com o máximo rigor, mas tentei transmitir ao leitor a essência das mais

importantes para a história de Harlow e Noah. Por isso, para que seja fácil para si ouvi-las, criei uma lista de reprodução para o Spotify.

Abraços e boa leitura!

- «I Will Remember You» — Sarah McLachlan
- «Goodbye To You» — Scandal (com Patty Smythe)
- «Haven't Met You Yet» — Michael Bublé
- «I Want To Know What Love Is» — Foreigner
- «(You're) Having My Baby» — Paul Anka Feat. Odia Coates
- «I Choose You» — Sara Bareilles
- «I Will Follow You Into The Dark» — Daniela Andrade
- «The Long And Winding Road» — The Beatles
- «Unbreakable» — Fireflight
- «Can't Help Falling In Love» — Elvis Presley
- «All Of Me» — John Legend
- «Unconditionally» — Katy Perry
- «Here Comes The Sun» — The Beatles

## CAPÍTULO UM



*Noah*

Quando comprei a casa dos meus sonhos, nunca me passou pela cabeça que esta incluiria a mulher das minhas fantasias.

Um sorriso estende-se pelo meu rosto enquanto observo fixamente a morena recostada numa *chaise-longue* junto à minha piscina. Não faço a menor ideia de quem ela é, mas fico a olhar. E olho mais um pouco. Não consigo parar. Na verdade, mal consigo manter a língua dentro da boca. *Minha nossa senhora!*

Um chapéu de aba larga oculta-lhe a parte de cima do rosto. Ao lado dela está pousado um livro grosso. Suponho que tenha adormecido ao sol, mas isso só me dá a oportunidade de apreciá-la de uma ponta à outra sem interrupções.

Cabelo muito escuro cai-lhe pelos ombros até um par verdadeiramente espetacular de seios e curvas sensuais. Até o umbigo dela é, de certo modo, atraente. Tenho a certeza de que já vi o biquíni minúsculo vermelho-berrante num sonho obsceno ou dois. Será que ela dava conta se passasse a língua pela pele clara, agora ligeiramente rosada, dela? Pois, sempre tive uma queda para isso. A família da minha mãe é do Havai e tem antepassados de Samoa. E não há nada de que goste mais do que ver a minha mão mais escura a deslizar sobre a pele sedosa de uma mulher branquinha. Não consigo ver os olhos desta estranha, mas os lábios dela... Rosados. Cheios. Amplos. Ficariam fantásticos em torno do meu caralho.

Agora só tenho de descobrir quem ela é e porque está instalada ilegalmente na propriedade absolutamente privada que adquirir há pouco tempo. Que, já agora, é a primeira vez que estou a ver ao vivo e a cores. É tudo o que eu queria. A minha representante, a Lian, acertou em cheio. Vistas fenomenais do Pacífico. Praia, palmeiras a baloiçar ao vento, uma piscina de borda infinita que nunca mais acaba, tudo em terrenos incrivelmente isolados. É perfeita.

Mas, neste preciso momento, a única coisa que quero é olhar fixamente para a minha visita inesperada.

— Vais limitar-te a ficar aí parado a tapar-me o sol ou vais explicar-me por que diabos estás a invadir propriedade privada? — Levanta a aba do chapéu para olhar para mim, com uma expressão algures entre a curiosidade e a irritação.

Os olhos verdes dela quase me atiram ao chão.

Quero fodê-la. Com o tipo de urgência que já não sinto desde os 22 anos, acabado de chegar à NFL<sup>1</sup>, e quando descobri um mar de ratas ansiosas em chegar a vias de facto com um atleta profissional recém-chegado.

— Que engraçado! Estava prestes a fazer-te a mesma pergunta. Estou aqui, porque sou dono desta casa desde ontem. Mas não faço ideia de quem sejas nem porque estás na minha propriedade.

Aquilo fê-la sentar-se.

— Merda! És o comprador? Noah... — Estala os dedos como se não conseguisse lembrar-se do meu nome. — Noah...

Depois de ter sido o *quarterback* sensação das equipas de mais alto nível da NFL durante os últimos 12 anos, deparar-me com alguém que não me reconhece é uma experiência absolutamente invulgar. E um pouco humilhante. Quase desato a rir.

— Weston.

— Noah Weston. É isso. — Deixa cair o livro sobre a mesinha ao lado da *chaise-longue* e levanta-se, estendendo a mão.

É minúscula. A parte de cima da cabeça dela mal chega a meio do meu peito. Mais uma coisa que me deixa excitado.

Seguro-lhe na mão para cumprimentá-la. O toque rápido parece tudo menos casual. O meu sangue fica a ferver, transformando-se em lava nas minhas veias e precipitando-se, quente e denso, para o meu caralho. Se a minha *T-shirt* não fosse comprida e larga, ela ficaria a saber exatamente em que estou a pensar.

---

<sup>1</sup> National Football League é a liga norte-americana de futebol americano profissional. (N. da T.)

— E tu és...?

— Peço desculpa. Harlow, fui eu que tomei conta da tua casa. Ninguém te esperava nos próximos dias.

Os meus agentes imobiliários têm todo o meu respeito. Têm um excelente bom gosto no que toca a pessoas para tomar conta das casas, e a mulheres. Será que a instalaram na minha casa e usaram este sítio como cabana do amor temporária? Tenho de admitir que os compreendo perfeitamente. Ela é extremamente atraente.

Só falei com o Maxon e o Griffin Reed por telefone quando concluímos a venda desta casa de 25 milhões de dólares. O preço é alto, eu sei. Mas queria privacidade. E as ilhas não são baratas. Olhem, é o paraíso. Mas mais importante: é a minha casa. A minha origem. Sabe tão bem estar de volta ao Havai enquanto descubro o que se segue na minha vida.

— Decidi vir mais cedo, Harlow-que-tomou-conta-da-casa. Prazer em conhecer-te.

— Igualmente. Vou... hum, fazer as minhas malas. Já aqui estou há quase um mês, por isso estive à vontade como se fosse a minha casa. Demoro só algumas horas a deixar-te em paz.

— Sem pressas — encorajo. — Até tinha pensado em passar algum tempo na piscina. Se não estiveres com pressa, não me importava de ter companhia.

Na verdade, quando entrei na casa há dez minutos, para largar a minha bagagem, tinha mais em mente uma sesta e isolamento depois da minha longa viagem desde Dallas. Agora estou absolutamente desperto e concentrado nesta mulher. Talvez um pequeno *flirt* na água a convença a passar para a horizontal comigo. Afinal de contas, a vista do oceano cristalino e do cenário tropical é algo extremamente romântico.

— A sério? Não te importas? — Perante o meu aceno com a cabeça, suspira de alívio. — Obrigada. Vou demorar algum tempo a arranjar boleia. Como só estou cá de visita, não tenho carro na ilha.

Portanto, se quiser fazer uso disso tenho de ser rápido.

— Onde é a tua casa?

— Em San Diego.

Aceno com a cabeça.

— O que te espera lá? Trabalho? Namorado?

Ela torce o nariz.

— Nenhum namorado. Acabei o meu mestrado no início deste ano. Recebi uma oferta de emprego perto do meu apartamento. Tirei algum



tempo para refletir se é isso mesmo que quero. És... hum, jogador de futebol americano, não é?

— Acabei de me reformar. — Observo-a com atenção. Se já não estivesse convencido de que está a ser sincera, suspeitaria de que a não reação dela ao meu nome e trabalho fosse dissimulada. — Não gostas de desporto, não é?

— Cresci só com irmãos. Tentei acompanhá-los quando era pequena. Depois cresci e descobri que os sapatos eram mais divertidos.

Rio-me. Para mérito dela, aposto que fica bem com uns sapatos de cunha com tiras, todos sensuais. Caramba, provavelmente fica bem com uns chinelos de dedo da loja dos chineses... ou com absolutamente nada. Como diabos é que não tem namorado? Andou demasiado ocupada a estudar para se dar a esse trabalho? É a única explicação que faz sentido, porque é impossível que nenhum homem não tenha reparado nela.

— Tenho uma irmã que pensa o mesmo sobre tudo o que exija uma bola — explico. — Pelo menos tenho o meu irmão, Trace, com quem posso falar de bola.

— Sortudo. Sou a única rapariga, por isso estou em desvantagem. Os meus irmãos não discutem comigo sobre se é a Choo ou a Louboutin que faz os melhores sapatos. Não entendo porquê. — Com um suspiro brincalhão, volta a sentar-se e estica as pernas bem-feitas ao longo da *chaise-longue*, cruzando-as nos tornozelos.

Sorrio e penso em algo para continuar a conversa. Ela é mais interessante do que qualquer adepto de desporto que costumo encontrar. Até que quero conhecer esta mulher. É claro que quero despir-lhe o biquíni. Mas construir os alicerces verbais para isso é um pouco mais difícil do que esperava. Não consigo lembrar-me da última vez em que tive de fazer mais para atrair a atenção de uma mulher do que simplesmente entrar numa sala e fazer sinal com o dedo.

— Até quando ficas no Maui? — pergunto.

— Ainda não decidi.

A Harlow não diz mais nada, mas a reserva dela sugere que se passa algo mais para além de mero cansaço dos estudos ou de querer evitar um emprego. Se tirou um mestrado, é uma rapariga inteligente e, provavelmente, ambiciosa. Não conseguiu isso sendo preguiçosa. O que será que se passa?

— Queres falar sobre isso? — disponho-me a ouvir. — Às vezes o melhor é um ouvinte imparcial e durante alguns meses não terei mais nada senão tempo.

— Obrigada, mas... — Abana a cabeça. — Não.

Só diz isto. Nada de subtilezas. Nada de explicações. Nada de desculpas.

É difícil interpretá-la. Estou surpreso por isso me deixar tão curioso.

A Harlow inclina a cabeça ao olhar para mim.

— Então, o que vais fazer com o resto da tua vida, já que, obviamente, és demasiado novo para te sentares numa cadeira de baloiço no alpendre e ficares a ver a erva a crescer?

*Não é uma excelente pergunta?*

— Tal como tu, ando a refletir sobre as minhas opções.

É outro motivo por que vim para o Maui. Deixei a NFL depois da minha última lesão. Enquanto participava no último jogo, tive a certeza de que não voltaria a equipar-me num domingo. Tudo a que dediquei a minha vida desde os seis anos... de repente desapareceu. Continuar a entrar em campo seria correr o risco de prejudicar a minha qualidade de vida a longo prazo. Já tenho efeitos secundários, mas não falo sobre isso. Os médicos da equipa recusaram-se a autorizar-me a jogar na próxima época. O meu agente passou-se por completo quando sugeri reabilitar-me para voltar a jogar. A verdade é que nenhum clube vai apostar o enorme salário que recebo com a camisola deles, já que parecem achar que tenho um pé fora da porta e o outro já na casa das velharias. Sempre prometi a mim mesmo que sairia enquanto ainda estivesse no topo, com uma conferência de imprensa extremamente difícil e uma festa de despedida de arromba.

Mas agora não faço ideia do que hei de fazer. Aos 34 anos, segundo os padrões do futebol americano profissional, já sou velho. Os contratos publicitários são lucrativos mas não uma carreira. Sou um homem habituado a meter a mão na massa, não a recostar-me e ficar a contar o meu dinheiro. Nunca foi por isso que me esforcei tanto a trabalhar. Preciso de um objetivo.

O que torna a proposta que me fizeram há pouco tempo ainda mais difícil de resistir... mas impossível de aceitar. Ainda assim, não consegui obrigar-me a recusá-la.

— Olha, eu vou embora. — Pega no livro e prepara-se para se levantar. — Pareces ter muito em que pensar e compraste esta casa para ter privacidade, por isso devia deixar-te usufruir dela.

— Fica. — Olho para ela, prendendo-lhe o olhar. — Foi um voo extremamente longo e preferia não ficar sozinho. Tu és... interessante. Não me importava de te conhecer melhor.

Hesita e vejo que está a pensar nas opções que tem. Algo parecido com um ar de pesar atravessa-lhe o rosto e sei que tenho de agir depressa. O meu

nome não a seduz. Tenho a impressão de que dinheiro também não. Preciso de experimentar outra coisa qualquer. Não sei se a minha conversa é brilhante mas sei muitíssimo bem o tempo que passo a levantar pesos. Já fui fotografado algumas vezes tanto para revistas de culturismo como para a GQ.

Dispo a camisola. E vejo os olhos dela a arregalarem-se. *Bingo*.

Finalmente, impressionei-a.

Ela acena que sim, com os olhos colados aos meus peitorais.

— A-Acho que posso ficar.

O sorriso que me contrai os lábios parece formar-se lenta e amplamente e é tão, tão satisfatório.

— Boa. Temos alguma comida e bebidas alcoólicas nesta casa?

— Se não tivéssemos, não estaria aqui — afirma com atitude. — Tenho estado a cozinhar um pedaço de carne de vaca ao longo de todo o dia. Sou rapariga de carnes vermelhas. Mas também não sou pouco civilizada. Tenho uma boa seleção de vinhos para servir com aquele naco de carne. Até te dou um garfo e um copo.

— Carne de vaca parece-me espetacular, mas dispenso o vinho. Há alguma coisa mais forte?

Franze o sobrolho na minha direção.

— Estou a respirar, não estou? O álcool é essencial. Mas aviso-te já que consigo beber mais do que a maioria dos homens sem ficar bêbeda.

— Mais do que eu não — garanto. — Eu deixo-te de rastos.

A Harlow ri-se.

— Querias tu. Alguma vez fizeste um transplante de fígado?

— A cirurgia?

— A bebida. — Ri-se de mim. — Chama-se assim por um motivo. Se não tiveres cuidado, deixo-te de gatas.

Preferia ser eu a metê-la de quatro, mas desvio o pensamento...

— Temos aposta. O que leva essa bebida?

— Rum, *vodka*, quatro licores diferentes, alguns sumos de fruta, juntamente com um pouco de *cocktail* agridoce. Desce com a facilidade de um ponche, porque está carregado de açúcar, mas bate como um soco dos infernos. Ele apanha-te de surpresa e faz-te cair de cu.

Depois dos últimos meses de indisposição, passar uma noite com bebidas fortes e uma mulher ainda mais poderosa parece-me fantástico.

— Não sei... Isso é alguma bebida frutada para meninas? — Não resisto a provocá-la.

— Todos dizem isso, no início. Anda comigo.

Dirige-se para a cozinha, que nem sequer conseguira encontrar na primeira vez que atravesssei a enorme casa. Não me tinha apercebido da verdadeira dimensão de mais de 700 metros quadrados até ter vagueado pela casa. O Trace há de vir visitar-me de vez em quando. Mas, fora isso, o que hei de fazer com esta casa toda sozinho?

Um problema para outro dia.

Neste preciso momento, prefiro muito mais concentrar-me no belo cu da Harlow, a abanar-se delicadamente de um lado para o outro enquanto me conduz em direção ao aroma divinal de carne e batatas a assar lentamente.

— Cheira tão bem. E tu comes disto? — Aceno com a cabeça para a panela de cozedura lenta assim que entramos na cozinha.

— Tu não?

— Eu adoro. E já nem tenho de manter a minha dieta rigorosa de frango e arroz que tinha de fazer durante os meus dias de *quarterback* profissional. Agora vou poder comer que nem um abade de vez em quando. — A maioria das mulheres que conheço estão demasiado preocupadas com a linha.

Ela suspira.

— Posso ter uns quilos a mais, mas se tiver de escolher entre ser um pau de virar tripas e ser um bom garfo, escolho a comida num piscar de olhos. Separem-me dos queques e teremos um verdadeiro problema.

Rio-me. Nada nesta mulher é artificial. Nem o cabelo, nem as unhas, nem os seios, nem mesmo o brilho dela. E certamente que a personalidade também não.

Não me lembro de achar que as minhas últimas cinco namoradas, todas juntas, tivessem metade da piada dela.

— Nunca me ocorreria tal coisa. Faz-me uma bebida, mulher. Uns copos e carne de vaca é mesmo do que preciso.

A Harlow orienta-se bem na cozinha. Não é organizada nem asseada, mas, de certo modo, consegue fazer uns biscoitos caseiros, que ficam prontos ao mesmo tempo que o assado e os vegetais. Tudo enquanto prepara as bebidas. Conversamos. E rimos. Nem mesmo a minha mãe me dá instruções para meter a mesa desde os meus, provavelmente, 12 anos, mas a Harlow fá-lo com um estalar de dedos e sem perder o ritmo.

Ainda estou a sorrir quando me sento para comer. Ela carrega em alguns botões no telefone dela e os Nirvana da velha guarda ribombam das colunas embutidas. É como se ela falasse a mesma linguagem que eu.

Depois dou a primeira dentada no assado e gemo.

— Está bom?

— Incrível. — Dou um gole da bebida. Tal como ela avisou, é doce mas não xaroposa nem capaz de criar cáries. Engulo metade com alguns tragos. — E a bebida também. És linda e tens bom gosto musical. Sabes uma coisa? Acho que devíamos casar.

A Harlow acha-me piada e ri-se.

— Oh, céus! Não quero nada disso. Fico contente só com sexo.

Mal consigo engolir o pedaço de carne que acabei de enfiar na boca. Agora temos um assunto que me entusiasma.

Apoiando um cotovelo sobre a mesa, pouse o garfo e ergo um olhar escaldante na direção dela.

— Posso proporcionar isso.

Um sorrisinho dança-lhe no rosto.

— Aposto que sim. — O olhar fixo dela desliza sobre os meus ombros e peito e garanto que é tão potente que é quase como se estivesse a tocar-me com as mãos. — Pareces-me bastante competente.

Vejo interesse e especulação no rosto dela. Está a imaginar como eu seria na cama.

— Dou-te o que quiseres, Harlow. Como quiseres. Enquanto quiseres. Com a intensidade que quiseres. Basta dizeres.

Fica calada durante um bom bocado, limitando-se a bebericar o transplante de fígado de um copo de plástico vermelho e a olhar para mim sobre a borda.

— Como é que sei que não és um assassino?

Está a provocar-me. Acho eu.

— Não estavas preocupada com isso quando te abordei, toda estendidi-nha junto à piscina.

— Pois, mas estava a observar-te. O único mal que estavas a fazer-me nessa altura era bloqueares-me os raios de Sol. Pensei que, se tivesses assassinio em mente, terias feito bem mais do que ficar ali parado a olhar para mim de boca aberta.

— Não estava a olhar de boca aberta.

— Ai, estavas pois. Eu sei que te apanhei de surpresa por estar aqui, mas assim que ultrapassaste isso ficaste a tirar-me as medidas. Vais negar isso?

— Não, não vou. Trazes um biquíni sensual como a porra. Ficas mesmo bem com ele.

— Obrigada. Os meus irmãos detestaram-no e sugeriram algo com uma saia até aos joelhos.

— São teus irmãos. Quando a minha irmã mais nova se casou, no ano passado, estremecei sempre que alguém falava sobre o que eles fariam na lua de mel. Simplesmente... não consigo pensar nisso.

O sorriso dela transforma-se numa gargalhada animada.

— Estou a perceber. Os meus irmãos são recém-casados. É um dos motivos por que fiquei aqui. As mulheres deles são umas queridas, mas se eu ficasse em casa deles até voltar para San Diego... Digamos que não quero ouvir as minhas cunhadas a gritar de paixão ou algo do género. — Estremece. — De maneira nenhuma.

Rio-me.

— Como é que sabes que gritariam?

— Por favor. Os meus irmãos são machos o suficiente para insistirem nessa coisa toda do exibicionismo da conquista. Também suspeito que estejam a tentar engravidar as mulheres e prefiro não estar sob o mesmo teto que eles nessa altura.

Fico calado e penso. Jamais queria ouvir a Samaria durante o ato de conceção.

— Estou a perceber o que queres dizer. Mais um motivo para ficares cá esta noite.

A Harlow recosta-se na cadeira e beberica a bebida.

— Voltamos à questão do sexo, é isso?

— Foste tu que tocaste no assunto — lembro-a.

— Pois fui. — Encolhe os ombros e fico com a sensação de que está habituada a dizer tudo o que pensa. — Surpreendi-te?

— Um bocadinho. Mas no bom sentido.

— Vocês, atletas profissionais, não estão habituados a ter mulheres a atirarem-se a vocês?

— Acontece. — Muito. E tornei-me mais criterioso com o passar do tempo. Mas, nos últimos 12 anos, ainda não me tinha cruzado com uma como a Harlow. Talvez nunca tenha. A maioria das mulheres que tentam ganhar um «troféu» indo para a cama com uma celebridade do desporto atraem o gajo com o corpo, não com a personalidade. A Harlow parece estar extremamente bem servida em ambos. — Ultimamente não costumo dizer sim.

Ergue o sobrolho escuro enquanto leva uma garfada de carne à boca.

— Mas costumavas dizer?

Penso em esquivar-me à pergunta, mas ela é bastante direta. Provavelmente isto não será nenhuma relação a longo prazo, por isso não há motivo para ciúmes ou acusações.

— Admito que já tive 22 anos e fui estúpido.

— Todos fomos. — Revira os olhos, aparentemente também se rindo de si mesma. — Fiz muitas coisas ridículas quando era estudante universitária. Felizmente, cresci. Suponho que também tenhas crescido.

— Gosto de pensar que sim. — Embora suspeite que, no que diz respeito à Harlow, algumas partes de mim sejam mais espertas do que outras. O meu cérebro está a tentar acompanhar... mas a maior parte do sangue do meu corpo está a correr para o meu caralho. As duas cabeças nem sempre trabalham em simultâneo e, neste preciso momento, estou a ter dificuldades em acompanhar a conversa. Em primeiro lugar, a Harlow tem mamas. Mamas extraordinárias. E não passo de um homem com uma fixação oral. Em segundo, a diferença horária está a começar a afetar-me. Até podem ser só sete da tarde no Havai, mas o meu corpo continua na hora de Dallas, onde é meia-noite. Não quero pensar porque é que estar cansado me está a afligir tanto.

E, mesmo na altura certa, a minha cabeça a norte dá início a um latejar lento. Afinal de contas, por que haveria a do sul sentir-se miserável sozinha?

— Se agora és assim tão esclarecido e ponderado, porque é que nunca deste o nó?

É uma pergunta que já fiz a mim mesmo várias vezes. Muitos dos meus colegas de equipa tiveram um começo estouvado e, desde então, já assentaram.

— Talvez nunca tenha conhecido a pessoa certa. E tu?

Hesita.

— Já pensei em casar uma vez, mas não correu bem e foi melhor separar-nos. Não fui feita para relações e compromissos.

Franzo o sobrolho.

— Talvez também ainda não tenhas conhecido a pessoa certa.

A Harlow fica com um ar que aparenta querer discordar, depois elimina a expressão do rosto e dirige-me um encolher de ombros descontraído em que não acredito nem por um segundo.

— Talvez. Queres mais?

Não argumento. De que adianta?

Ao olhar de relance para o meu prato, fico surpreendido ao vê-lo vazio. E o mesmo acontece com o meu copo de plástico de cor viva.

— Acho que, por agora, estou bem.

Ela levanta-se e vai à bancada da cozinha, que transformou num bar improvisado, e serve outra bebida a si própria.

— Claro, fraquito!

Perante a provocação dela, encosto-me à cadeira, com o braço suspenso nas costas desta, e observo-a.

— Quando não tiver passado o dia todo a viajar e não estiver a sentir-me no fuso horário errado, provo-te o contrário.

— Combinado. Hoje dou-te um desconto por teres estado num avião. — Mexe a bebida e depois volta a sentar-se. Sei que estou em apuros assim que ergue as pestanas e me prende com um olhar provocador. — Isso significa que estás demasiado cansado para sexo?

— Acho que nunca me senti demasiado cansado para isso. — Abstenho-me de referir a maratona com a loura bombástica depois da minha última vitória da Super Bowl<sup>2</sup>. Tudo o que precisei depois de um dos jogos mais difíceis da minha carreira foi de um banho. E fiquei pronto para a ação. Não vejo porque é que hoje há de ser diferente...

Desde que não tenhamos de conversar.

Ela lança-me um olhar picante.

— Ainda bem.

— Estás a falar a sério. Quanto ao sexo. Quanto a fazermos-lo. — Não pergunto porque não é uma pergunta.

Encolhe um só ombro de forma descontraída.

— Sou solteira. Tu és solteiro. Temos esta casa brutal só para nós. Sinto-me atraída por ti, admito. Acho que só me bloquearias o Sol para ficares a olhar para mim de boca aberta se gostasses do que estavas a ver. Portanto, porque não?

Sinceramente, não está a usar um raciocínio que eu próprio já não tenha usado. Parece lógico. Até mesmo óbvio. Mas há alguma coisa na forma fria como está a fazer-me a proposta que me faz parar para pensar. Quero conhecê-la melhor. Passar tempo com ela. Não sei bem porquê. Talvez por ela não ser a típica mulher com quem costumo estar. Mas tenho uma suspeita enervante de que, se a levar lá para cima e lhe fizer uma visita muito íntima pelo meu quarto, poderá já cá não estar de manhã.

Normalmente, isso seria um excelente resultado. Então porque é que não estou a favor de ela sair da casa que comprei como meu retiro privado? Não faço ideia, mas cá está. Vou deixar acontecer.

— Porque não vamos nadar primeiro? Não cheguei a experimentar a piscina antes de me alimentares com esta refeição incrível.

— Claro. — Levanta-se como se nada a preocupasse neste mundo mas, de repente, deixa de olhar para mim enquanto tira os pratos da mesa.

---

<sup>2</sup> Jogo anual do campeonato da NFL que decide o campeão da época. (N. da T.)



Quando a Harlow vai, atarefada, para o lava-louça, sigo-a e envolvo-lhe o braço com os dedos.

— Ei!

Sem saber bem como, consegue libertar-se e meter os pratos no lava-louça.

— Não faz mal, se não estiveres interessado. Não é a primeira vez que ouço um não.

De um cego?

— Querida, não estou a dizer não. Só estou a dizer que preferia não apressar isto. Temos a noite toda.

Parte da frieza da postura dela derrete.

— Está bem.

— E não quero parecer uma donzela débil nem nada, mas estou com uma puta de uma dor de cabeça.

O rosto dela enrugou-se com preocupação.

— Queres tomar alguma coisa?

Quem me dera que um bom orgasmo à moda antiga a curasse... mas provavelmente não vai curar.

— Ibuprofeno e uma chávena de café forte?

— Pode ser. Vou ligar a máquina. Os comprimidos estão ali na despensa. — Indica-me a direção certa.

— Obrigado — digo sobre o ombro ao entrar no armário enorme junto à cozinha, que a Harlow abasteceu com algumas especiarias e enlatados. Tiro dois comprimidos do frasco e volto a metê-lo na prateleira.

Quando saio da despensa, a Harlow está de olhar fixo na máquina do café, a vê-lo pingar.

— Como gostas do café?

E é então que acontece. Tal como antes. Num momento estou bem. E no outro... nada. E já sei o que me espera. Começo a transpirar. Mesmo assim, tento abrir a boca e formar palavras.

Sei que se me forçar a proferir sons, não direi nada coerente. Deixarei escapar um som qualquer que nem sequer será parecido com um «hã?» ou um «quê?». Fecho os olhos, cerro os dentes e tento lembrar-me da conversa. O que é que ela me perguntou?

— Estás bem?

Já que não tenho qualquer problema ao nível motor, limito-me a acenar que sim.

— Queres o café forte? Ou queres só ir deitar-te?

Continuo sem conseguir falar, mas, pelo menos, sei que ela estava a fazer perguntas sobre o café antes de eu apagar. Foda-se! Porque é que isto continua a acontecer-me?

Abano a cabeça e tento tirar a chávena da máquina. Se a levar rapidamente à boca, talvez ela não repare no silêncio. Prefiro o café forte. Porque não consigo dizê-lo agora mesmo? Sei as palavras. Tenho-as na cabeça. Simplesmente pareço não conseguir fazer com que cheguem à minha boca.

— Senta-te. — Aligeira o semblante carregado. — Vou lavar a louça e limpar a cozinha.

Tenho medo de voltar a olhar para a Harlow. Ver uma sensação de confusão no rosto dela seria mau, pena ainda pior. Agarro na caneca e fixo o olhar no café preto, pensando em quanto tempo durará o episódio desta vez. Sei que dormir ajuda, mas... Que nervos! Não quero desistir desta noite com esta mulher. Não sei se voltarei a ter uma oportunidade destas. Seja como for, até me acontecer esta merda, já não tinha grandes competências na área das conversas extremamente interessantes, mas ter zero? Como hei de chegar a vias de facto com ela, se nem consigo falar, perguntar-lhe o que lhe dá prazer?

Com teimosia, abano a cabeça.

Franze o sobrolho.

— A sério. Eu trato disto. Porque não vais para o sofá e já vou ter contigo quando acabar? Só demoro dez minutos.

Quero argumentar mas, sem palavras, como hei de fazê-lo? Depois a Harlow torna tudo mais fácil ao conduzir-me até à sala de estar, onde ajeita uma almofada no típico sofá descontraído da ilha, dirigindo-me depois um piscar de olhos atrevido.

— Quando acabar, se ainda quiseres levar-me para a cama, eu alinho.

Por fim, olho na direção dela. Olho mesmo. Não vejo pena. Vejo preocupação. Estranhamente, isso deixa-me excitado.

Infelizmente, pareço não conseguir invocar as capacidades verbais para lhe agradecer. Prometo a mim mesmo que, mais tarde, lhe mostrarei a minha gratidão na cama.

Fecho os olhos quando começo a ouvir água a correr no lava-louça por trás de mim e o som da máquina de lavar-louça a abrir. Talvez uma sesta-relâmpago de dez minutos ressuscite a minha agilidade verbal. Caso contrário, vou ter simplesmente de lhe mostrar como sou mesmo bom com a língua.